

Analistas prevêem o fim da correção

Qualquer que seja a receita adotada pela equipe econômica — âncora cambial, prefixação ou duas moedas — tudo indica que o mercado financeiro vai ganhar uma cara nova. O fim da correção monetária e das aplicações de curtíssimo prazo (como o fundão) é dada como certa pelos economistas. Quer dizer, três anos depois do “tiro” disparado pela ministra Zélia Cardoso de Mello no início do Governo Collor, ao bloquear 80% do dinheiro nos bancos, o mercado agora se prepara para a “paulada” que vem por aí.

— É inevitável se acabar com a moeda remunerada — diz o ex-presidente do Banco Central Carlos Brandão, referindo-se às aplicações nos Fundos de Aplicação Financeiras (fundões) e fundos de commodities, que oferecem a possibilidade de saque diário.

Para o economista Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor do Banco Central, é quase certo que o Governo decretará o fim dos investimentos com saque diário, no caso de adoção de uma nova moeda estável. Isto significa que o fundão e os fundos de commodities continuariam existindo apenas para os cruzeiros reais, não para a moeda a ser criada.

Por enquanto, o Governo vem promovendo um alongamento dos títulos públicos que dão lastro aos fundos de investimento. Em outubro de 1992, quando Itamar Franco assumiu a Presidência da República, 58,2% de uma dívida de US\$ 32,7 bilhões em poder do mercado eram de Bônus do Banco Central (BBCs), a maioria deles com prazo de resgate de apenas 28 dias. Outros 32,7% correspondiam a Notas do Tesouro Nacional (NTNs), com prazos entre três e 24 meses. Agora, os números são mais animadores: de uma dívida em títulos que totaliza US\$ 40 bilhões, as NTNs já respondem por 61,8% (quase o dobro de um ano atrás), enquanto os BBCs recuaram para 31% do total da dívida, de acordo com os dados do Banco Central. Muitas das NTNs, por sinal, têm correção pelo câmbio.

O diretor financeiro do Banco BCN, Norberto Pinto Barbedo, no entanto, pensa diferente. Ele acredita que não é preciso acabar com o fundão nem com a correção monetária, de imediato. A seu ver, à medida que a inflação for caindo e a população acreditar no sucesso do plano de estabilização, a tendência natural é que ocorra um alongamento das aplicações financeiras, visto que somente assim os investidores poderiam ganhar taxas de juros reais (acima da inflação) elevadas.